



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EXATAS
CAMPUS VI – POETA PINTO DO MONTEIRO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – PORTUGUÊS

MARIA SONIA FARIAS DE FREITAS

PSICANÁLISE E LITERATURA: UMA ANÁLISE DA MELANCOLIA NA OBRA *VIDAS
SECAS* DE GRACILIANO RAMOS

MONTEIRO – PB

2016

MARIA SONIA FARIAS DE FREITAS

PSICANÁLISE E LITERATURA: UMA ANÁLISE DA MELANCOLIA NA OBRA *VIDAS
SECAS* DE GRACILIANO RAMOS

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, (UEPB – Campus VI), como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Letras com habilitação em Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof^aM^aJoana Dar’k Costa

MONTEIRO – PB

2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

F862p Freitas, Maria Sonia Farias de.
Psicanálise e Literatura [manuscrito] : uma análise da
melancolia na obra Vidas Secas de Graciliano Ramos / Maria
Sonia Farias de Freitas. - 2016.
44 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em LETRAS
PORTUGUÊS) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Ciências Humanas e Exatas, 2016.

"Orientação: Profª. Ma. Joana Dar'k Costa, Departamento de
Letras".

1. Seca no Sertão. 2. Injustiça social. 3. Vida animalizada.
4. Melancolia na literatura. I. Título.

21. ed. CDD 801.959

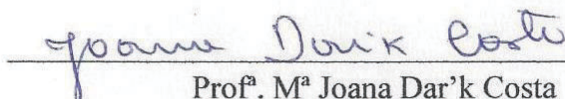
MARIA SONIA FARIAS DE FREITAS

PSICANÁLISE E LITERATURA: UMA ANÁLISE DA MELANCOLIA NA OBRA VIDAS
SECAS DE GRACILIANO RAMOS

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, (UEPB – Campus VI), como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Letras.

Aprovado (a) em 19 de Outubro de 2016.

COMISSÃO EXAMINADORA

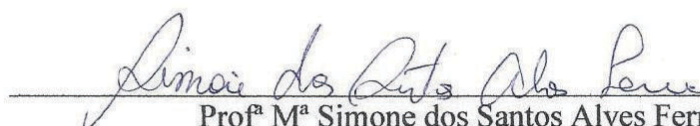


Prof.^a M^a Joana Dar'k Costa
UEPB

Orientadora



Prof.^a Esp Josefa Adriana Gregório de Souza
UEPB



Prof.^a M^a Simone dos Santos Alves Ferreira
UEPB

Ao Senhor Jesus Cristo, à Maria Santíssima:
força motriz em minha vida, pois sem vossa
divindade nada seria possível.

AGRADECIMENTOS

São muitas as pessoas por quem quero expressar aqui o meu reconhecimento. Desde já agradeço a todos que colaboraram para a realização deste trabalho.

À memória do meu pai, que foi especial para mim, e que seu legado de vida continua comigo. À minha mãe, demais familiares, bem como pessoas amigas de minha terra, em especial Felipe Barbosa, Reginaldo Júnior por terem alçado forças na concretização deste anseio. Obrigada pela torcida sincera.

Minha gratidão a todos os professores que fizeram parte da minha trajetória acadêmica:, em especial: Carlos Almeida, Marcelle Ventura, Luciana Nery, Adriana Gregório, Dorotea Silva, Estevam Dedallus, Nefatalin Gonçalves, Paulo Vinícius, Paulo Aldemi e João Batista.

Agradecimento especial a professora Joana Dar'k Costa pela orientação e seriedade com este trabalho. Enfim, obrigada por ter acreditado em mim.

Aos colegas:

Alânio, Janaína, Patrícia, Ayrle, Veronilton, Caio, Fábria, Valdívia, Edivânia e aos demais alunos de nossa turma, obrigada pelas alegrias que vocês me proporcionaram ao longo desta licenciatura. Sentirei saudades!

Felicidade és coisa estranha e dolorosa: fizeste para sempre a vida ficar triste, porque um dia se vê que as horas todas passam, e um tempo despovoado e profundo, persiste.

Cecília Meireles

RESUMO

O presente trabalho configurou-se enquanto empreendimento de uma análise psicanalítica no universo ficcional da obra *Vidas Secas* (2009) de Graciliano Ramos, tendo como objetivo explorar um de seus aspectos mais pertinentes: a melancolia vivenciada pelos personagens protagonistas: Fabiano, sinhá Vitória, os filhos, bem como a cachorra Baleia. Para tanto, tomaremos como aportes teóricos os estudos relacionados a melancolia feitos por Sigmund Freud (1996), também recorreremos aos teóricos literários como Bosi (2006), Candido (2008) e outros da Literatura, mais especificamente da segunda fase do Modernismo Brasileiro, que propuseram reflexões e hipóteses a respeito da análise da melancolia na obra ficcional em questão. No caso mais específico da obra *Vidas Secas* (1938), considerando-se seu período e sua proposta literária, pressuposto da base histórico-material da época, em que uma estrutura fundiária e social, aliada à aridez natural do clima e da geografia, condenava certos indivíduos pertencentes a estratos sociais menos favorecidos a uma realidade atroz e desumana, vítimas de uma política oligárquica e concentradora de renda e de meios existenciais. Concebemos, então, a hipótese de que a base material de uma estrutura social e política alicerçada na penúria, na exploração e na degradação humanas como causas, ou fatores complicadores e intensificadores, da situação melancólica dos sujeitos simbolizados pelos personagens do universo ficcional que se opera na obra. Observamos que os personagens, retratando a condição social dos indivíduos excluídos das estruturas de poder no sertão nordestino do século passado, animalizadas, impossibilitadas de realizarem seus sonhos de uma vida digna como delineia o estatuto humano, uma vez também desprovidas de vez e de voz, passam a vivenciar a melancolia, levando a vida de forma desesperançada, seca e embrutecida de reação a tais infortúnios.

PALAVRAS CHAVE: Seca no Sertão; Injustiça Social; Vida Animalizada; Melancolia.

ABSTRACT

This paper set up while undertaking a psychoanalytic analysis in the fictional universe of the work *VidasSecas*, Graciliano Ramos, aiming to explore one of its most relevant aspects: the melancholy experienced by the protagonists characters: Fabiano, sinhá Victory, the children, and the dog Baleia. Therefore, we will take as theoretical contributions studies related to melancholy made by Sigmund Freud (1996), Bosi (2006), Candido (2008) and other theorists of literature, specifically the second phase of Brazilian Modernism, who proposed ideas and hypotheses regarding the analysis of the melancholy in the fictional work in question and how it sets the melancholy literary elaboration. In the specific case of work *VidasSecas*, considering his time and his literary proposal, we assume the basic historical material time, in a land and social structure, combined with the natural aridity of the climate and geography, condemned certain individuals belonging to social strata disadvantaged to an atrocious and inhumane reality, victims of an oligarchic political and concentrating income and existential means. We design, then the material of a social structure based and rooted policy in penury, exploitation and human degradation as causes or complicating factors and enhancers, the melancholy situation of subjects symbolized by the characters of the fictional universe that operates in the work. We note that the characters, depicting the social status of individuals excluded from power structures in the northeastern hinterlands of the last century, animalistic, unable to realize their dreams of a decent life and delineates the human status, as also devoid of time and voice, They begin to experience the melancholy, leading the life of hopeless form, dry and brutalized reaction to such misfortunes.

KEYWORDS: Drought in Hinterland; Social injustice; Animalized life; Melancholy.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPITULO I: CONSIDERAÇÕES SOBRE A MELANCOLIA	
1.1 A Melancolia sob o olhar Psicanalítico.....	16
1.2 O Superego e a Melancolia na Concepção Freudiana.....	19
1.3 Pulsão de Morte e Superego: o aniquilamento do ego na melancolia.....	21
CAPITULO II: VIVÊNCIAS DA SECA NO SERTÃO NORDESTINO: A MELANCOLIA DOS PERSONAGENS EM <i>VIDAS SECAS</i>	
2.1 Considerações sobre a obra <i>Vidas Secas</i>	26
2.2 Os andarilhos da seca: a trajetória melancólica dos personagens em busca da sobrevivência.....	27
2.3 - A Precariedade da Vida: resignação e melancolia.....	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
REFERÊNCIAS.....	44

INTRODUÇÃO

O presente trabalho traz como proposta uma análise de uma das importantes obras da nossa literatura no século XX: o romance *Vidas Secas* (2009). A riqueza dessa obra é tal, que propicia várias linhas de pesquisa e reflexão nas mais variadas vertentes. Nesse romance Graciliano Ramos proporciona uma demonstração da realidade da época da segunda fase do modernismo brasileiro. A produção literária de Graciliano, embora atravessada pela denúncia da realidade social vivenciada por uma classe desfavorecida econômico e culturalmente, também abre portas para outra área de conhecimento tal como a Psicologia, em especial a Psicanálise Freudiana.

É com base na percepção de que essa fase modernista, embora calcada na abordagem do aspecto social, pode proporcionar a possibilidade de um enfoque psicanalítico, com suas implicações voltadas para o íntimo, para o sujeito imerso em agruras existenciais, que repousa a proposta desse trabalho, cujo objetivo geral é refletir sobre a melancolia vivenciada pelos personagens da obra *Vidas Secas* (2009), de Graciliano Ramos. Nesse sentido, empreenderemos uma análise da ocorrência da melancolia nos personagens: Fabiano, sinhá Vitória, os dois filhos e a cachorra Baleia, tendo como suporte teórico as concepções de Sigmund Freud na obra *Luto e Melancolia* (1996) bem como algumas concepções teórico-literárias de base social sugeridas por Candido (2008) e Bosi (2006) relacionadas a melancolia na produção literária.

Partimos da hipótese de que os problemas de desigualdade social vivenciados pelos protagonistas de *Vidas Secas*, as condições desumanas a que eram submetidos produziam uma vida marcada pela melancolia. Partimos dessa hipótese porque a partir de algumas leituras que fizemos sobre a melancolia, concluímos que muitos teóricos acreditam que a melancolia é vivenciada apenas pela classe mais favorecida e que os desfavorecidos na luta por comida e vivendo na miséria, não tem como sentir melancolia. Nosso pensamento tem uma outra linha de raciocínio, pensamos que a melancolia, conforme Freud (1996) caracterizou, pode ser produzida pelas condições de vida a margem da sociedade. A vida desumana, a carência de bens materiais e de afeto e a falta de esperança de dias melhores podem produzir uma vida melancólica. Partindo dessa concepção, à luz de Freud, buscaremos mostrar neste trabalho, que os personagens de *Vidas Secas*, apresentam traços de melancolia.

Fazendo um breve, mas necessário, resumo da obra, podemos dizer que o romance “*Vidas Secas*”, publicado em 1938, narra a vida de uma família de retirantes no sertão nordestino, que fugindo da seca, segue em busca de melhores condições de vida. A família é formada por Fabiano, homem trabalhador; Sinha Vitória, esposa resignada; o menino mais velho e o menino mais novo e a cachorra baleia. Interessante ressaltar o anonimato das crianças, elas não tem nome, artifício utilizado pelo autor do romance, para demarcar a condição animalizada dos fugitivos da seca. Após dias de caminhada sob o sol escaldante, a família encontra uma casa desocupada e ali resolve ficar. Mas, logo chega o dono, para quem Fabiano passa a trabalhar como vaqueiro. É preso injustamente pelo soldado amarelo, que, neste caso, representa a autoridade do governo. Com a prisão, o personagem “Fabiano” analisa a sua própria condição de “homem-bicho” e se dá por vencido diante das decepções em relação à vida dos filhos. A família de retirantes permanece por algum tempo na fazenda, cuidando do rebanho do proprietário até que, desesperados com o aparecimento de aves de arribações que, para eles significava “prenúncios de seca”, deixam a fazenda numa manhã bem cedo e partem, desiludidos, em busca de uma esperança, esperança de uma vida mais justa e humana.

Graciliano Ramos transformou a realidade em ficção, ao escrever *Vidas Secas*. Ele usa o vocabulário culto com resquícios do Realismo de Machado de Assis, pois soube conduzir o romance dentro de uma temática que condiz com o contexto social referente aos anos 30 do século XX. Braga (1938) denominou de romance desmontável, porque são treze capítulos que não apresentam linearidade, entretanto todos os capítulos de *Vidas Secas* têm algo em comum: a pobreza, humilhação e conformismo dos personagens da obra que morando no sertão nordestino sofriam a extrema aridez dos que detinham o poder. Graciliano Ramos, nessa obra, faz uma crítica ao retrato de um Brasil desigual e injusto em que denuncia discretamente no romance regionalista, o que procedia sobre o enriquecimento da burguesia em meio a uma situação de extrema pobreza.

O autor denuncia a negatividade das ideologias vigentes de sofrimento protagonizados pelo vaqueiro Fabiano, sinha Vitória, seus dois filhos e a cachorra Baleia, que eram incapazes de entender o discurso dominante. Em meio à situação de injustiça social, desperta nessa obra na visão do autor, sentimento de solidão e melancolia.

Como podemos perceber, a estilística da obra *Vidas Secas* (2009) é de desesperança e conformismo. Fabiano e família embora lutassem arduamente, não tinham direito a uma vida digna que eles tanto sonhavam. Viviam uma situação de opressão e aridez de vida. O

crítico literário Bosi(2006) atribui tamanha desigualdade social aos velhos costumes da sociedade patriarcal da época representada na narrativa, costumes que ainda permaneciam na mente dos latifundiários, fazendo com que o único meio de sobrevivência das pessoas menos favorecidas fosse o ofício de camponês, cuja remuneração beirava a condição de miserabilidade.

Aa chegada do modernismo foi à porta de entrada para a resistência da matéria prima literária da época, de modo que a meta do escritor modernista Graciliano Ramos era manifestar uma crítica literária em *Vidas Secas* tendo como perfil o regionalismo social, no tocante ao período de 1930 – 1945. Isso porque essa época a literatura estava voltada para a narrativa regionalista, a que Bosi (1994) dá o nome de romance de tensão crítica, devido aos episódios que aconteceram no período, como seca, miséria, fome, exploração do camponês, bem como a aridez do coronelismo.

O mapeamento das dificuldades era presença viva do sertanejo menos favorecido, pois a vida desvalida culminava em melancolia, uma vez que os personagens da obra *Vidas Secas*: Fabiano, sinhá Vitória, os filhos e a cachorra Baleia protagonizaram ficcionalmente, uma época de muitas divergências ligadas ao problema geográfico e social da região nordeste, diante de uma situação de vida tão sofrida. Podemos supor que a desesperança fazia com que aquele casal de retirantes agisse de forma brusca, grotesca e melancólica até mesmo com os filhos e a cachorra Baleia.

Os personagens de *Vidas Secas* sentiam-se incapazes de serem sujeitos de suas vidas, dotados de um conformismo gerador de tristeza e desânimo, que se intensificava pela estrutura de trabalho que marcava as relações sociais entre os que detinham poder e terra e os que destas riquezas eram desprovidos. A permanência dos latifúndios propiciava a formação de uma oligarquia camponesa que utilizava o “trabalho de aluguel”, condenando o trabalhador da terra à situação de semiescravo. Tal estrutura de relações de trabalho, na verdade, já se perpetuava desde os séculos 18 e 19, conforme sugere Marx (1993), afirmando que ocorria uma ascensão do senhor das propriedades rurais em detrimento da pobreza dos trabalhadores da terra.

No Brasil, o retirante nordestino é, por volta das décadas de 30 e 40, a representação insistente dessa condição feudal, cuja situação de opressão ocasionava aspectos melancólicos. Isto é retratado, no geral, em quase toda a produção romanesca da segunda fase modernista. E é ainda mais evidente no romance *Vidas Secas*.

Este trabalho está estruturado em dois capítulos. No primeiro capítulo temos uma abordagem teórica da melancolia, a partir das elaborações de Freud sobre a temática na obra *Luto e Melancolia* (1996). Abordamos, a partir de um olhar psicanalítico, a definição de melancolia, suas principais características, as possíveis causas e dando ênfase as diferenças e similaridades entre luto e melancolia. No segundo capítulo temos uma análise da melancolia na obra *Vidas Secas* protagonizados pelos personagens já citados anteriormente. Nessa análise, vimos que Graciliano denuncia e repudia o que acontecia com o povo menos favorecido dos anos 30 do século XX, que viviam ao deus-dará sob um regime político, feudal e autocrático que produzia revolta e desespero de vida dos menos favorecidos que sequer sabiam defender seus próprios direitos de viver confortavelmente.

Enfocaremos como a obra destaca a dificuldade de viver no Brasil nas primeiras décadas do século XX, como bem enfatiza o escritor Antonio Cândido, em sua obra *Literatura e Sociedade*(2006) que sempre foi inquieto diante das diferenças de classe social impostas no modernismo brasileiro.

Em meio a essas mazelas sociais, mesmo sem o reconhecimento do sofrimento por parte dos próprios personagens em *Vidas Secas*, ocorria a angústia, irritação, o sonho, bem como a desesperança e o conformismo. O personagem Fabiano e família sabiam que teriam que reconhecer a posição social deles como a obediência diante de seus senhores ainda com resquícios voltados para modelos patriarcais diante dos costumes hierárquicos e cristãos do século XIX em que a principal meta era inibir o ser humano aos anseios da classe dominante.

Partindo desse pressuposto, mediante a situação social vivida no modernismo brasileiro especificamente no século XX vimos que essas famílias nordestinas protagonizadas por Fabiano, sinhá Vitória, os dois filhos e a cachorra Baleia carregavam uma vida de infinita opressão social marcada pela angústia, ou seja: a sociedade menos favorecida mesmo viva, oscilava para a morte e naturalizando o sofrimento sem ao menos refletir ou ter consciência da melancolia que vivenciavam.

Sabemos que o intuito deste trabalho é deixar às claras a importância da narrativa regionalista, ao passo que Bosi (1994, p.392) considera o romance modernista voltado para a denúncia crítica e social. Propomos também uma leitura crítica e analítica de *Vidas Secas*(2009) em que Camargo (2001) diz que a partir dessa leitura crítica podemos perceber a angústia e a melancolia vivenciadas pelos personagens. Na análise destacamos que com uma vida reduzida ao mínimo, os retirantes caminham sem rumo e sem

perspectiva. Marcados pela falta de sentido da vida, característica marcante da melancolia, o que mantinha os retirantes vivos, era o sonho, a esperança de dias melhores em algum lugar. Em nome desse sonho que percorriam longas distâncias diariamente tendo como companhia a tristeza, a desolação, alguns resquícios de sonhos (que alimentavam a alma) e a aridez da terra e da vida.

CAPITULO I

CONSIDERAÇÕES SOBRE A MELANCOLIA

1.3 A Melancolia sob o olhar Psicanalítico

O escritor Graciliano Ramos que viveu em plena época do Modernismo Brasileiro, sendo um observador dos ditames sociais de seu tempo, registrou, literalmente, efeitos ligados à melancolia em sua obra *Vidas Secas* (2009). Há em várias passagens descritas na narrativa, que na nossa concepção, abordam a temática da melancolia. A forma com que aborda o tema é condizente com a linha de pensamento de Kristeva em sua obra *Sol Negro e Depressão*. Nessa obra, a autora descreve a realidade cruel de uma vida atravessada pela melancolia, como podemos ver na seguinte citação:

A lista das desgraças que nos oprimem todos os dias é infinita, tudo isto bruscamente me dá-me outra vida. Uma vida impossível de ser vivida e carregada de aflições cotidianas, de lágrimas contidas ou derramadas, de desespero em partilha, às vezes abrasador, às vezes exaltada pelo esforço que faço para continuá-la, a cada instante está prestes a oscilar para a morte” (KRISTEVA 1989. p.12).

Ao pensarmos no tema melancolia, podemos dizer que os estudos realizados por Sigmund Freud, têm sido um marco na literatura produzida na área. Tendo em vista que o nosso objeto de estudo tem a pretensão de analisar a melancolia vivenciada pelos personagens na obra *Vidas Secas* (2009), a partir do campo psicanalítico, consideramos importante, fazer uma abordagem teórica do tema, a partir de Freud e outros teóricos, para melhor compreensão de alguns elementos que serão explorados na análise da obra.

Sigmund Freud, precursor da Psicanálise, publicou em 1917 umas das suas mais importantes obras, o livro *Luto e Melancolia*. A publicação desse livro contribuiu de forma fecunda para compreensão e aprofundamento dos estudos acerca da melancolia. Uma das questões centrais do livro é apresentar de forma esclarecedora a distinção e a semelhança entre o luto e a melancolia. Para o teórico, tanto o luto como a melancolia está ligada à perda de um objeto de estima, podendo ser esse objeto: uma pessoa, uma crença, um esperança, um amor. Vejamos:

O luto, de modo geral, é a reação à perda de um ente querido, à perda de alguma abstração que ocupou o lugar de um ente querido, como o país, a liberdade ou o ideal de alguém, e assim por diante. Em algumas pessoas, as mesmas influências produzem melancolia em vez de luto; por conseguinte, suspeitamos de que essas pessoas possuam uma disposição patológica. (FREUD, 1996, p. 249).

Deste modo, para Freud, tanto o luto quanto melancolia produzem sofrimento, perda da vontade de executar atividades e perda do prazer de viver. No entanto, ele aponta algumas diferenças. Se no luto sofremos a perda de um ente querido, na melancolia sofremos pela perda do próprio ego. Há um eu despedaçado no nosso interior e que produz uma perda de autoestima provocando uma morte em vida. Segundo Freud:

(...) O melancólico exhibe ainda outra coisa que está ausente do luto – uma diminuição extraordinária de sua autoestima, um empobrecimento de seu ego em grande escala. No luto, é o mundo que se torna pobre e vazio; na melancolia, é o próprio ego. O paciente representa seu ego para nós como sendo desprovido de valor, incapaz de qualquer realização e moralmente desprezível; ele se repreende e se envilece, esperando ser expulso e punido (FREUD, 1996, p.251-252).

Ao buscar descrever o que sente uma pessoa melancólica, destaca:

(...) Os traços mentais distintivos da melancolia são um desânimo profundamente penoso, a cessação de interesse pelo mundo externo, a perda da capacidade de amar, a inibição de toda e qualquer atividade, e uma diminuição dos sentimentos de autoestima a ponto de encontrar expressão em auto-recriminação e autoenvilecimento, culminando numa expectativa delirante de punição” (FREUD, 1996, p. 250).

A partir dessa citação, podemos dizer que o espírito atribulado da melancolia faz com que haja perda do sentido da vida. Segundo Freud (1996), muitas vezes, faz-se jorrar a representação do silêncio, a ausência de algo que deveria ser dito. Ligado a sentimentos e contradições no sentido de o ser humano sentir-se interrompido e indisposto diante das intempéries de sua própria convivência e a tornar-se introspectivo diante dos desígnios da vida. Por outro lado, na obra “A estética da melancolia em Clarice Lispector (2000) a autora Santos diz que muitas vezes a melancolia revela-se na arte de escrever. Os sentimentos melancólicos são sublimados e canalizados pela escrita. Nas palavras da autora.

(...)É deste contraste melancólico que a palavra se representa, se escreve, se inscreve. A sublimação, a forma dita poética, é, conforme já revelou Kristeva, um dos modos do depressivo resignar-se com a perda, uma vez que decompõe e refaz os signos, assegurando um certo domínio sobre a Coisa. Já vimos que para que o signo se faça, segundo Kristeva (que segue a hipótese de Hanna Segal), é necessário uma falta, uma separação. A criança, por exemplo, a partir de uma separação, produz objetos ou vocalises que são os “equivalentes simbólicos” daquilo que falta. Mais tarde, já inserida na posição dita depressiva, ela vai desenvolver em seu ego não mais equivalências, mas os “símbolos” propriamente ditos. (SANTOS, 2000, p.131).

A esse respeito, abrimos um parêntese, para destacar a própria produção de Graciliano Ramos. Considerado melancólico por ter suas ideias socialistas repudiadas socialmente, o escritor se utiliza da escrita e, encontrando suporte emocional na literatura, passa a canalizar sua melancolia para produção de obras ficcionais. Abordando sobre a escrita graciliana, Schittine (2015, p. 01)ressalta que “de temperamento marcadamente saturnino, o autor utilizou as fases de tristeza, culpa, solidão e isolamento em sua vida para fazer uma observação arguta do mundo e compor uma obra de caráter inovador e político”.

A partir das leituras realizadas no campo psicanalítico, podemos perceber a familiaridade e a compatibilização dos estudos da psicanálise tanto de hoje quanto nos tempos mais remotos. Os conflitos vivenciados pelos indivíduos, seja nos tempos atuais, seja em tempos mais remotos, tem desencadeado problemas melancólicos. Freud, faz uma análise que consideramos significativa sobre o estado perturbador da mente humana. Na sua concepção, ao adentrar no mundo obscuro do próprio eu, o ser humano triste pode se deparar com a verdade de seu próprio eu. Neste sentido, a melancolia possibilita o desfazer-se das máscaras que o indivíduo incorpora para satisfazer as exigências sociais. Nas palavras do teórico:

(...)O paciente também nos parece justificado em fazer outras autoacusações; apenas, ele dispõe de uma visão mais penetrante da verdade do que outras pessoas que não são melancólicas. Quando em sua exacerbada auto-crítica, ele se descreve como mesquinho, egoísta, desonesto, carente de independência, alguém cujo objetivo tem sido ocultar as fraquezas de sua própria natureza, pode ser, até onde sabemos, que tenha chegado bem perto de se compreender a si mesmo; ficamos imaginando, não – somente, porque um homem precisa adoecer para ter acesso a uma verdade dessa espécie”(FREUD, 1996, p.252).

Por outro lado, embora o melancólico vivencie esse processo em que se inferioriza, maltrata-se com acusações e recriminações, não há por parte dele constrangimento algum, em revelar para as pessoas com quem convive, sua condição de inferioridade, de ser desprezível. Pelo contrário, como diz o próprio Freud:

(...) ”Sentimentos de vergonha diante de outras pessoas, que, mais do que qualquer, faltam ao melancólico, ou pelo menos não são proeminentes nele. Poder-se-ia ressaltar a presença nele de um traço quase oposto, de uma insistente comunicabilidade, que encontra satisfação no desmascaramento de si mesmo. O ponto essencial, portanto, não consiste em saber se a autodifamação aflitiva do melancólico é correta, no sentido de que sua autocrítica esteja de acordo com a opinião de outras pessoas. O ponto consiste, antes, em saber se

ele está apresentando uma descrição correta de sua situação psicológica”(FREUD, 1996, p.253).

Ao analisar esse processo do próprio ego

(...) Aqui, estamos nos familiarizando com o agente comumente denominado ‘consciência’; vamos incluí-lo, juntamente com a censura da consciência e do teste da realidade, entre as principais instituições do ego, e poderemos provar que ela pode ficar doente por sua própria causa. No quadro clínico da melancolia, a insatisfação com o ego constitui, por motivos de ordem moral, a característica mais marcante. Frequentemente, a autoavaliação do paciente se preocupa muito menos com a enfermidade do corpo, a feiúra ou a fraqueza ou com a inferioridade social; quanto a essa categoria, somente seu temor da pobreza e as afirmações de que vai ficar pobre ocupam posição proeminente(FREUD, 1996, p.253).

Diante desta citação, poderíamos nos perguntar: por que o melancólico tem uma queda na autoestima e vivencia constantemente esse processo de autodepreciação e autopunição? Para respondermos a essa questão teremos que recorrer a segunda teoria do aparelho psíquico elaborada por Freud, na qual aborda os conflitos vivenciados pelo ser humano acerca dos seus desejos e as limitações impostas pela sociedade em que ele está inserido. Na obra *Luto e melancolia* (1996), busca explicar os sentimentos depreciativos do melancólico, a partir dos conflitos entre o id, ego e superego.

1.2 O Superego e a Melancolia na Concepção Freudiana

Na segunda teoria do aparelho psíquico, Freud, inspirado pela filosofia platônica, mais especificamente na divisão da psique em três partes (racional, irascível, concupiscente) postula que o aparelho psíquico é constituído por três sistemas: id, ego e superego. Embora cada uma dessas partes da personalidade total tenha suas próprias funções, dinamismos e mecanismos, elas interagem estreitamente de forma que o comportamento humano é quase sempre o produto de uma interação entre esses três sistemas.

O id é a parte incessível do psiquismo e suas características são descritas como opostas às do ego. Em seu interior o id abriga representantes pulsionais que buscam a satisfação impulsiva de desejos e necessidades, sendo regulados exclusivamente pelo princípio do prazer. No id não há negação de desejos, vontade coletiva, juízo de valor, bem, mal, moralidade, assim como também não há temporalidade. Freud descreve-o como um caldeirão de excitação insaciável.

Freud assinala que o ego é aquela parte do id que se modificou pela proximidade e influência do mundo externo e na qual emerge a consciências, sendo, portanto, uma extensão diferenciada do próprio id de quem ele retira sua energia. Liderado pelo princípio da realidade, seu objetivo é servir de mediador entre o id e o mundo externo, o que coloca em confrontação os dois princípios reguladores do aparelho psíquico: o princípio do prazer e o princípio da realidade.

O terceiro e último sistema a se desenvolver é o superego. Ele é o representante interno dos valores tradicionais e dos ideais da sociedade. É a força moral da personalidade. Suas principais funções são: inibir os impulsos do id, persuadir o ego a substituir objetivos realistas por objetivos moralistas e buscar a perfeição. Diferentemente do ego, o superego não se satisfaz em adiar a gratificação instintiva; ele tenta bloqueá-la permanentemente. Em outras palavras, ele é o guardião necessário da moralidade, o mantenedor da ordem. E é também o preço que pagamos pela civilização. Um superego forte como afirma o próprio Freud (1986, p.166) “O mais importante problema no desenvolvimento da civilização (...) o preço que pagamos por nosso avanço na civilização é a perda da felicidade pela intensificação dos sentimentos de culpa”.

Freud imaginava a constante luta no interior da personalidade entre interesses conflitantes – sobretudo a batalha entre o anseio do prazer e a exigência moral. Para o psicanalista, desmascarar no plano do consciente esses conflitos interiores é o único caminho para a reparação de distúrbios psíquicos.

Por outro lado, para Freud o princípio do prazer deve ceder ao princípio da realidade em benefício da constituição da ordem social. Assim quanto mais repressão à libido, maior o progresso social e cultural. Trata-se da concepção de Freud em que a energia sexual reprimida converte-se em sentimentos úteis à convivência social.

Tendo exposto de forma breve, como Freud definiu os três sistemas da mente, acima exposto, passemos agora a explicar, com base na Psicanálise, como eles se relacionam com a melancolia. Para Freud a melancolia é um exemplo típico do grupo das doenças que se baseiam no conflito entre o ego e o superego. Se Freud descreve a melancolia quase nos mesmos termos com os quais fala do sentimento de culpa (conflito entre o ego e o superego), podemos presumir que este último deve exercer um papel fundamental no funcionamento melancólico.

A partir das elucidações freudianas podemos dizer que no melancólico a voz auto-depreciativa e crítica são a voz do superego, que demonstra uma severidade particular

contra o ego. O superego age de maneira cruel, produzindo um intenso sentimento de culpa consciente. Esse sentimento de culpa tão comum nas pessoas melancólicas seria uma forma do superego punir de forma cruel o ego, culpando pelas investidas do id, buscando aterrorizá-lo, esvaziá-lo, reduzi-lo a nada.

Na melancolia, temos um superego forte e em pleno domínio da consciência do indivíduo. Ele apresenta um aspecto sádico ao dirigir com toda violência sua ira contra o ego, podendo ser dito que um componente destrutivo se alojou no superego para tal. Nas palavras do próprio Freud:

A autotortura na melancolia, sem dúvida agradável, significa, do mesmo modo que o fenômeno correspondente na neurose obsessiva, uma satisfação das tendências do sadismo e do ódio relacionadas a um objeto, que retornaram ao próprio eu do indivíduo nas formas que vimos examinando. Via de regra, em ambas as desordens, os pacientes ainda conseguem, pelo caminho indireto da autopunição, vingar-se do objeto original e torturar o ente amado através de sua doença, à qual recorrem a fim de evitar a necessidade de expressar abertamente sua hostilidade para com ele” (FREUD, 1996, p.257).

É fundamentando-se na relação entre superego e melancolia que Freud parte para outra possibilidade de análise do estado melancólico: a pulsão de morte seria o responsável para impulsionar o superego a agir provocando no indivíduo atitudes autodestrutivas, desejos suicidas em que algumas vezes o indivíduo por não suportar o sentimento de culpa que o atravessa, arquiteta sua própria morte. Para compreendermos como se dá essa relação pulsão de morte/superego/melancolia, faz-se necessário recorrermos às elaborações de Freud acerca das pulsões de vida e pulsões de morte que são duas pulsões que produzem conflito no inconsciente do ser humano.

1.3 Pulsões de Morte e Superego: o aniquilamento do ego na melancolia

Complementando sua teoria acerca do inconsciente, Freud formula os conceitos de pulsão de vida e pulsão de morte permitindo ampliar e elucidar os aspectos envolvidos no sistema do inconsciente. Primeiramente, o teórico apresenta o conceito de pulsão.

Ele propôs que as crianças já apresentam uma sexualidade muito diferente das outras espécies e que, na infância, não está comprometida ao órgão sexual, mas a

sensações ligadas à sexualidade. A sexualidade humana tem basicamente uma questão que a torna diferente; é a questão da pulsão, pois nós não somos tal como os animais, movidos por instinto, mas por pulsão, termo proposto por Freud para dar a idéia de algo que fica exatamente no limite entre o orgânico e o psíquico. Nas palavras dele, a pulsão “é o representante psíquico dos estímulos que se originam dentro do organismo e alcançam a mente” (Freud, 1974, Vol.XIV p. 142). Se o instinto designa um comportamento hereditariamente fixado, possui um objeto específico, a pulsão não implica nem comportamento pré-formado, nem objeto específico. A pulsão tem quatro aspectos característicos: uma fonte, uma pressão, um objetivo e um objeto. A fonte é definida como um processo (excitação) somático que ocorre num órgão ou parte do corpo. A pressão está relacionada com a quantidade de força ou a medida da exigência de trabalho que ela apresenta.

O objetivo da pulsão é a satisfação que ocorre através da redução de tensão ou descarga de energia acumulada. Já o objeto é compreendido como um meio para que um fim possa ser atingido. O objeto para Freud é que tem de mais variável em uma pulsão. Tal variação na escolha do objeto torna-se possível porque a energia psíquica é deslocável: ela pode ser gasta de várias maneiras. O objeto pode ser uma pessoa, uma parte da pessoa, pode ser real ou pode ser fantasmático.

Como podemos perceber, o comportamento de uma pessoa é ativado por excitações internas e cessa quando uma ação apropriada remove ou diminui a tensão. Sua meta é conservar o equilíbrio do organismo, abolindo as excitações perturbadoras. Assim, podemos descrever uma pulsão como um processo que se repete um ciclo de eventos que se inicia com a excitação e termina com o repouso, é o processo que Freud denominou de compulsão a repetição.

Deste modo, para o psicanalista, as pulsões não estariam localizadas apenas no corpo ou apenas no psiquismo, mas na fronteira entre os dois. E aprofundando sua discussão sobre pulsões ele ressalta que somos movidos por duas pulsões básicas: pulsão de vida e pulsão de morte. A pulsão de vida está relacionada com as ligações amorosas que estabelecemos com o mundo. A vontade de viver, o cuidado com a conservação e preservação da vida. Tanto as pulsões sexuais como as pulsões de autoconservação são consideradas pulsões de vida. Mas segundo análise de Garcia Rosa (1997), as pulsões sexuais são as verdadeiras pulsões de vida e que elas implicam a junção de dois seres da

qual vai resultar um novo ser vivo. A pulsão sexual garante, através do sêmen germinativo, a imortalidade do ser vivo.

A pulsão de morte é definida a partir da tendência inerente a todo ser vivo de retornar ao estado inorgânico, enquanto a pulsão de vida refere-se ao esforço para que esse objetivo se cumpra de maneira natural. O objetivo da pulsão de vida não é evitar que a morte ocorra, mas uma prevenção não natural. Uma das características da pulsão de morte é a agressividade que poderá estar voltada para si mesmo e para o outro. Um desejo de autodestruição ou destruição do outro.

Segundo Garcia-Rosa (1997), Freud ao discorrer sobre as pulsões, sinaliza que embora elas pareçam contrárias, elas se conectam e se fundem de modo que onde há pulsão de vida, também se manifesta a pulsão de morte. Essa fusão entre as pulsões pode ser percebida na dinâmica da neurose da angústia. A pulsão de morte pode desencadear no indivíduo uma elevação da tensão ou excitação libidinal que será escoada pela pulsão de vida que levará o indivíduo, impulsionado pelo princípio do prazer, a buscar estratégias ou mecanismos que aliviem os impactos da angústia. Podemos pensar como exemplo, o consumismo excessivo, a busca desequilibrada por sexo, a compulsão por comida.

É importante destacar que os conceitos de pulsão de vida e pulsão de morte elaborada por Freud são considerados essenciais na construção da teoria psicanalítica, na medida em que promoveu uma nova compreensão sobre a dinâmica do inconsciente aprofundando os estudos e concepções sobre a mente humana.

Ao fazer a relação entre superego e melancolia, Freud (1996) aprofunda o debate inserindo a pulsão de morte como uma das fontes do processo de autodestruição típica do sujeito melancólico. Como vimos no item anterior, o sujeito melancólico é atormentado por um sentimento de culpa e inferioridade que o conduz a um processo de autorrecriminação, autodepreciação, autoflagelo. Ao observar esse comportamento Freud (1996) atribuiu ao superego, agindo no nível inconsciente, a função de instigar no indivíduo esse processo autodestrutivo. Mas, o superego age dessa forma, impulsionado pela pulsão de morte. Em outras palavras o que impulsiona o superego é tão somente a pulsão de morte, que se volta para o ego com o intuito de destruir este. Em alguns casos, o superego logra êxito neste intento.

Neste caso, para Freud, o superego se torna uma espécie de 'depósito' para a pulsão de morte e se apoia no ponto de vista pulsional da moralidade. Se, como vimos o

id, é puramente amoral, o ego se esforça por ser moral, e o superego se esforça para ser supermoral, este último atuará no indivíduo com requintes de crueldade, exigindo perfeição, submissão total aos preceitos sociais. As investidas do superego, movidas pela pulsão de morte, explicam as atitudes sádicas de provocar sofrimento nos outros sujeitos, como também esclarecem os desejos suicidas tão presentes na mente. Nas palavras de Freud:

É exclusivamente esse sadismo que soluciona o enigma da tendência ao suicídio, que torna a melancolia tão interessante – e tão perigosa. Tão imenso é o amor de si mesmo do ego (self-love), que chegamos a reconhecer como sendo o estado primevo do qual provém a vida instintual, e tão vasta é a quantidade de libido narcisista que vemos liberada no medo surgido de uma ameaça à vida, que não podemos conceber como esse ego consente em sua própria destruição. De há muito, é verdade, sabemos que nenhum neurótico abriga pensamentos de suicídio que não consistam em impulsos assassinos contra outros, que ele volta contra si mesmo, mas jamais fomos capazes de explicar que forças interagem para levar a cabo esse propósito (FREUD, 1996, p.257).

Esse sentimento ou atitudes autodestrutivas também pode se relacionar com a angústia do indivíduo por não saber como admitir determinadas perdas do seu ego. Para Kristeva *apud* Santos (2000) “o estágio melancólico assinalaria que o sujeito não sabe perder. Assim qualquer perda acarretaria a perda do próprio Ser [...] a melancolia apoiar-se-ia, então, numa intolerância à perda da coisa e na falência da linguagem” (2000, p. 42). Como podemos perceber, a autora afirma que a melancolia está totalmente ligada à perda, podendo ela ser causadora do empobrecimento do próprio Ego.

A ideia da perda como associada a melancolia, pode ser observada nos personagens da obra *Vidas Secas*(2009). Na narrativa, vemos que os personagens vivenciam diversas perdas no decorrer da trama. Perdas materiais, perdas afetivas com a morte da cachorra baleia e a perda total do sentido da vida.

Com base nos conceitos abordados acerca da melancolia neste capítulo, traremos no próximo capítulo uma análise da obra *Vidas Secas* (2009), mais especificamente, da melancolia vivenciada e externalizada, em todos os capítulos, pelos personagens quem compõem a narrativa. Melancolia que, na nossa concepção, surge como fruto da opressão, humilhação, perdas e danos a que viviam submetidos.

CAPITULO II

**VIVÊNCIAS DA SECA NO SERTÃO NORDESTINO: A MELANCOLIA DOS
PERSONAGENS EM *VIDAS SECAS***

2.1 Considerações Sobre a Obra *Vidas Secas*

A obra literária *Vidas Secas* (2009), de Graciliano Ramos parece apresentar um aspecto melancólico que permeia a vida dos personagens: Fabiano, sinha Vitória, os dois filhos e a cachorra Baleia. Além dos traços de melancolia dos personagens, também observamos que o próprio espaço geográfico apresentado na obra é atravessado por tons de melancolia e desolação. Neste sentido, essa temática entrelaça às discussões sociais problematizadas na diegese (enredo) e ainda no romance regionalista da década de 1930.

O romance *Vidas Secas* é composto por 13 capítulos que são: Mudança; Fabiano; Cadeia; Sinha Vitória; O Menino Mais Novo; O Menino Mais Velho; Inverno; Festa; Baleia; Contas; O Soldado Amarelo; O Mundo Coberto de Penas e Fuga. Vê-se um isolamento nos treze capítulos, mas também há semelhanças tendo em vista que a angústia e desesperança permeiam em toda a narrativa. Camargo (2001) enfatiza que o romance é totalmente desmontável, não segue uma ordem nos capítulos.

O tempo está praticamente ausente em *Vidas Secas* (2009). O que importa é a dimensão espacial, a preocupação com os desígnios da natureza que era uma das causas da época, bem como às dívidas, o sacrifício de vida do sertanejo. Os personagens vivem nas estradas da vida em busca de melhores dias. Em alguns momentos, conforme veremos posteriormente, eles se permitem sonhar com uma vida mais digna. Ao ler este romance sentimos, automaticamente, a dor, o desprezo e a melancolia protagonizados por retirantes nordestinos destinados a submissão, a humilhação e a injustiça. Por outro lado, ousamos dizer que são fortes ao conseguirem resistir a tanta precariedade e continuarem caminhando sem destino certo, alimentados pelo sonho de serem e de viverem como seres humanos.

A obra *Vidas Secas* (2009) pertence à segunda fase do modernismo brasileiro, conhecida como literatura regional e, sem dúvida, uma das mais bem sucedidas criações literárias da época. Graciliano Ramos delineia o estilo seco por meio do uso econômico dos adjetivos, uma vez que transmite a aridez do ambiente ao lado das pessoas que ali estavam em pleno sertão nordestino.

Esta narrativa gracilianafaz uma referência à seca na região Nordeste do Brasil, bem como a dureza de vida dos retirantes que viviam sob o domínio da oligarquia que comandava todos os setores do Nordeste. Diante do sofrimento dos desfavorecidos, sentia-se uma necessidade constante de migração. Tendo como protagonistas em todo o enredo o vaqueiro Fabiano e sua família, que aspiravam algum lugar para sobreviver, alimentavam-se de

pensamentos utópicos, sonhavam e buscavam um novo lugar que pudesse garantir a sobrevivência.

2.2 Os andarilhos da seca: a trajetória melancólica dos personagens em busca da sobrevivência

No primeiro capítulo intitulado de “Mudança”, enfatiza-se os problemas da família sertaneja que vivencia uma trajetória impiedosa pela secura da caatinga:

Na planície avermelhada os juazeiros alargavam duas manchas verdes. Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos. Ordinariamente andavam pouco, mas como haviam repousado bastante na areia do rio seco, a viagem progredira bem três léguas. Fazia horas que procuravam uma sombra. “A folhagem dos juazeiros apareceu longe através dos galhos pelados da caatinga rala” (RAMOS, 2009, p.09).

A narrativa refere-se ao sofrimento desta família de retirantes do nordeste brasileiro, que vivia à margem da pobreza e para a qual só existia uma única alternativa: viverem como andarilhos em busca de melhor sobrevivência. A via crucis era tecida num solo escaldante e pedregoso, sob um céu de azul inclemente e sol soberano, com raras pausas para o descanso debaixo dos pés de juazeiro, pequenos instantes de alívio que impunham o flagrante de sentimentos e sensações de perda logo após a inescapável exigência da retomada da viagem desumanizadora.

Vejamos o fragmento: “Os juazeiros aproximaram-se, recuaram, sumiram-se. O menino mais velho pôs-se a chorar, sentou-se no chão. - Anda condenado do diabo, gritou-lhe o pai” (RAMOS, 2009, p.09). Essa passagem revela o sentimento de tristeza daquela família de retirantes! O pai forçava o filho a caminhar sem que este tivesse força física para seguir a viagem. A retomada de tal trajeto consistia em sofrimento e aflição para a criança, em sensação mecânica de inexorabilidade no pai, o que, de todo modo, configura o traço melancólico em ambas as personagens flagradas na situação referida.

A consequência da árdua caminhada era o afloramento de uma melancolia seca, marcada pelo servilismo mecânico e, quiçá, animalizado do pai, pronto para seguir viagem em busca do inescapável patrão, à procura da inexorável relação de trabalho, sem a consciência do bem e do mal, do humano e do desumano, apenas seguindo sem saber bem, ou nada, sobre onde queria chegar.

A pressa em chegar representava apenas o intuito cego e opaco, mas fatal, de oferecer-se a um patrão como humilde trabalhador, disposto a qualquer tipo de trabalho, principalmente o de vaqueiro, em qualquer propriedade rural que viesse a alcançar. Neste sentido, o afloramento desse traço melancólico no filho se desenhava pelo compulsório distanciamento da sombra, do repouso, da tênue sensação de proximidade da dignidade humana apreendida pelos olhos de uma criança.

O personagem Fabiano, indignado com a visível impotência dos filhos para prosseguir a viagem, e tomado por intensa vontade de concretizá-la, não era capaz de entender a situação das crianças:

Pelo espírito atribulado do sertanejo passou a idéia de abandonar o filho naquele descampado. Pensou nos urubus, nas ossadas, coçou a barba ruiva e suja, irresoluto, examinou os arredores. Sinhá Vitória estirou o beijo indicando vagamente uma direção e afirmou com alguns sons guturais que estava perto. Fabiano meteu a faca na bainha, guardou-a no cinturão, acocorou-se, pegou no pulso do menino, que se encolhiam os joelhos encostados ao estômago, frio como um defunto. Aí a cólera desapareceu e Fabiano teve pena. Impossível abandonar o anjinho aos bichos do mato (RAMOS, 2009, p.10-11).

Foi tal a contrariedade causada pelo menino, que o pai chegou a pensar em abandoná-lo. Impulso do qual foi dissuadido pela intervenção da mãe no momento em que parece querer apontar para a concretização do destino desejado, indicando, com “beijo estirado” e exprimindo “sons guturais”, que se aproximavam do lugar que procuravam. A atitude propositalmente interventora de Sinhá Vitória fez com que Fabiano fosse capaz de um instante de complacência e piedade e desistisse do abandono do filho, segurando-lhe no braço, tendo em vista sua debilidade decorrente da fome e da longa caminhada, e prosseguindo o rumo almejado.

A fragilidade da família era evidente: “Ausente do companheiro, a cachorra Baleia tomou a frente do grupo. Arqueada, as costelas à mostra, corria ofegando, a língua fora da boca. E de quando em quando se detinha, esperando as pessoas, que se retardavam.” (RAMOS, 2009,p.11).

E era desse modo que esse povo nordestino, apesar do sofrimento, seguia viagem. A cachorra Baleia segue a caminhar na frente, mas sempre esperava pelos companheiros de viagem que não desistiam de sonhar por seus objetivos de vida, mesmo estando transtornados e desanimados sobre os desígnios da vida escaldante do sertão nordestino.

Além da família de retirantes, e Baleia, acompanhava também um papagaio. Como se vê no trecho: ainda na véspera eram seis viventes, contando com o papagaio. Coitado, morrera na areia do rio, onde haviam descansado, à beira de uma poça: a fome apertara demais os retirantes e por ali não existia sinal de comida. Baleia jantara os pés, a cabeça, os ossos do amigo, e não guardava lembrança disto (RAMOS, 2009, p.11).

No trajeto da árdua caminhada, falava-se pouco, pois se viam pensativos, a comida acabara e não se ouvia um berro de rês perdida na caatinga. “Sinhá Vitória, queimando o assento no chão, as mãos cruzadas segurando os joelhos ossudos, eles pensavam em acontecimentos antigos que não se relacionavam com festas de casamento, vaquejadas, novenas, tudo numa confusão em sua mente” (RAMOS, 2009, p.11).

Os sertanejos viviam a lembrar do passado e, em especial, do papagaio que saciou a fome de Baleia. Com a falta desse animal, que eles denominaram de “desastre” a morte da ave, eles se expressavam de forma breve, falaram palavras curtas e interruptas sobre o sentimento de perda do pássaro. Percebemos na estrutura desta narrativa um sentimento de melancolia que maltratava a família de retirantes com a morte do animal de estimação.

A melancolia no decorrer da trama, também se revela pela desesperança plantada nos personagens. Vivendo como nômades em terra alheia, nos momentos mais sofridos, tinha momentos que se sentiam impossibilitados de sequer de captar uma gota de esperança diante da árdua vida do campo. Freud (1996) ao abordar sobre a melancolia ressalta que na vivência melancólica há uma devastação do próprio ego. O ser melancólico parece perder sua identidade, o seu interior é despedaçado, restando o vazio e a angústia que o atormenta. Na obra, percebemos que os personagens, ao conduzirem sua vida sem destino, em longas e árduas caminhadas sem perspectiva de chegada, demonstram um esvaziamento do ego, uma perda de si e do sentido da vida.

Outro capítulo que podemos destacar para análise é intitulado “Cadeia” o qual tem como ponto principal a prisão do personagem Fabiano. A trama narra que em certo dia ele foi à cidade fazer compras a mando de sinhá Vitória. Mas, sua chegada à cidade teve como desfecho sua prisão pelo personagem denominado soldado amarelo. Fabiano era um personagem que, em seu habitat, sabia lidar com o seu ofício muito bem, mas ao chegar à cidade, ficava desorientado com os obstáculos os quais enfrentava por ser homem rude da zona rural. A convite do soldado amarelo, Fabiano se refugiou da dureza da vida, em bebida e jogo. Mas, ao sair sem se despedir do soldado, Fabiano teria atraído para si, uma situação degradante: sua prisão. O soldado usando e abusando de sua autoridade, do poder da farda, pisa, humilhação, provoca-o e, por fim, prende Fabiano.

O suposto réu, assustado, estava sem palavras, não sabia se defender, por isso foi preso.

Fabiano ao ser encarcerado sente-se angustiado, indignado, revoltado. Vejamos sua revolta no fragmento a seguir:

Por que tinham feito aquilo? Era o que não podia saber. Pessoa de bons costumes, sim senhor, nunca fora preso. De repente um fuzuê sem motivos Achava-se tão perturbado que nem acreditava naquela desgraça. Tinham-lhe caído todos em cima, de supetão, como uns condenados. Assim vivia o homem menos favorecido e intimado a uma vida árida impossibilitado de pensar e de ser reconhecido socialmente vindo em seguida a melancolia imposta pelos desmandos da aristocracia voltada para moldes clássicos que permeava o século XX”.(RAMOS,2009,p.31).

Analisando esse fragmento, podemos inferir a dor de um homem honesto, trabalhador e que foi humilhado e preso. A tristeza dolorida de Fabiano está em sentir na pele e na alma, a perda da dignidade e, com ela o valor da própria vida. Desprovido das ilusões que alimentam a esperança e a possibilidade de dias melhores, resta a Fabiano a lucidez de uma realidade desoladora. Como aponta Schittine (2015), na obra *Vidas Secas*, a melancolia é o lugar da lucidez que deserta o homem dos seus sonhos e de suas ilusões.

O desencantamento de Fabiano após o episódio da prisão fica bastante nítido no decorrer da trama. No entanto, como ressalta Schittine(2015), uma das formas de se proteger do desencantamento é o trabalho. E isso pode destacar na luta diária de Fabiano. Ele parece imbatível para compensar com o suor do rosto a dificuldade de comunicação. Para este vaqueiro, “a linguagem é o lugar da catástrofe, é onde se cumpre o seu destino. Mas é também onde se desenvolve a ilusão, o engano. Em Fabiano silêncio substitui linguagem e a realidade é a única forma de vencer a melancolia” (SCHITTINE,2015, p. 07).

No capítulo “sinha Vitória”, constatamos o quanto a mulher de Fabiano entristeceu-se com a ida do esposo à cidade para comprar uns pertences para casa, ter se atrapalhado e ainda mais ter sido preso. A trama mostra-nos uma mulher triste e inconformada por causa das trapalhadas e ainda por cima prisão do marido. Ele que gastara o dinheiro com jogo e cachaça e que terminara preso. Porém, Fabiano ressentido com o que passara, contradiz sinha Vitória com palavras de desagrado, com atitudes típicas de um homem grotesco. Em seu mundo ele considerava-se hierarquizado poderoso. Na concepção dele, a esposa deve ser submissa e não pode reclamar de quaisquer atitudes do homem. Mas ela não podia repudiá-lo de algo que passara na cidade. Sinha Vitória ficara triste, mas ao mesmo tempo pensou que ruim seria sem a presença de seu marido, mesmo que fosse desrespeitada por ele. Importante destacar que o

romance retrata o papel da mulher na época patriarcal. Ela teria que agir como esposa obediente e submissa ao marido.

Muitas vezes sinha Vitória era repudiada e destrutada pelo marido. Ele, talvez atormentado pela vida dura, parecia querer puni-la ou descarregar em alguém as mazelas da vida. Em um momento compara a mulher a um papagaio: “Condenara os sapatos de verniz que ela usava nas festas, caros e inúteis. Calçada naquilo, trôpega, mexia-se como papagaio, era ridícula. Sinhá Vitória ofendera-se gravemente com a comparação, e se não fosse o respeito que Fabiano lhe inspirava, teria despropositado” (RAMOS, 2009, p.41).

Sinha Vitória dormia em uma cama de varas, objeto inerente às pessoas menos favorecidas da época, porém seu grande sonho era possuir uma cama de couro e sucupira igual à de seu Tomás da bolandeira, mas Fabiano sempre dizia que sinha Vitória estava delirando com esse desejo impossível. O desconforto da cama de vara era um dos lamentos da personagem:

Sinhá Vitória amanhecera nos seus azeites. Fora de propósito, dissera ao marido umas inconveniências a respeito da cama de varas. Fabiano, que não esperava semelhante desatino, apenas grunhira: - “Hum! Hum!” E amunhecara, porque realmente mulher é bicho difícil de entender, deitara-se na rede e pegara no sono. Sinhá Vitória andara para cima e para baixo, procurando em quem desabafar” (RAMOS, 2009, p.40).

Há tempos que o casal vinha discutindo a possibilidade de comprar uma cama mais confortável. Tentavam ver de onde se poderiam cortar despesas e fazer economia, mas as dificuldades financeiras não permitiam que eles tivessem essa ilusão. Na visão de Amélia M.C. Melo (p.381), o escritor Graciliano Ramos narra em detalhes a vida de carência a que vivia submetidos os retirantes da seca. Conhecedor da realidade do sertão escolheu explorar o problema da seca de uma forma muito realista e árida. Conseguiu trazer à luz todo tipo de miséria vivida pelas famílias pobres que perambulavam pelo sertão. O sofrimento que gerava melancolia e opressão permanente, bem como o fatalismo de uma visão marcada por desgraças de toda ordem. Uma vida reduzida ao mínimo era assim a vida dos personagens da obra, como bem retrata o fragmento a seguir:

Pensou de novo na cama de varas e mentalmente xingou Fabiano. Dormiam naquilo, tinham-se acostumado, mas seria mais agradável dormirem numa cama de lastro de couro, como outras pessoas. Fazia mais de um ano que falava nisso ao marido. Fabiano a princípio concordara com ela, mastigara cálculos, tudo errado. Tanto para o couro, tanto para a armação. Bem. Poderiam adquirir o móvel necessário economizando na roupa e no querosene. Sinhá Vitória respondera que isso era impossível, porque eles

vestiam mal, as crianças andavam nuas, e recolhiam-se todos ao anoitecer (RAMOS, 2009, p.40).

Na análise desse fragmento, algo nos chama atenção em relação a melancolia. Embora, não fosse o culpado pela situação, Sinha Vitória xinga o marido, culpa-o e quando ele adormece, sai à procura de alguém para atingir. Essa questão permite-nos fazer uma ponte com as discussões de Freud sobre a melancolia. Para o teórico, o melancólico muitas vezes tem um comportamento sádico. O processo de autodepreciação pode ser canalizado para um processo de culpabilização dos outros por sua condição sofrida. Esse parece ser o comportamento dessa personagem que desiludida pela falta do mínimo conforto que possibilite uma sobrevivência menos sofrida, passa a vociferar sua angústia agredindo aqueles com quem convive.

O capítulo que merece destaque na obra tem como título “O Menino Mais Novo”. Uma das questões abordadas são a admiração e identificação do filho mais novo pela figura do Pai. O menino admira os modos de vidade seu pai Fabiano, desejando querer seguir seu ofício de vaqueiro. Admirava a fortaleza de genitor, bem como o ofício de lutar com os animais e gostaria de ser vaqueiro quando crescesse. O menino mais novo já procurava imitar o pai como demonstra o seguinte fragmento: “Trepando na ribanceira, o coração aos baques, o menino mais novo esperava que o bode chegasse ao bebedouro. Certamente aquilo era arriscado, mas parecia-lhe que ali em cima havia crescido e podia virar Fabiano” (RAMOS, 2009, p.50).

O filho via em seu pai Fabiano a coragem de um animal embrutecido. Como era pequeno, apenas sonhava ser corajoso como ele. Sua admiração pelo Pai era rechaçada pelo irmão mais velho e a cachorra Baleia. Eles não concordavam e não lhe prestavam solidariedade por não entender a sua atitude de querer imitar o pai Fabiano. “Deviam tê-lo prevenido. Não descobriu neles nenhum sinal de solidariedade: o irmão ria como um doido, Baleia, séria, desaprovava tudo aquilo. Achou-se abandonado e mesquinho, exposto a quedas, coices e marradas” (RAMOS, 2009, p.52).

O menino mais novo sonhava de acordo com o que ele presenciava em seu próprio convívio, visto que desejaria imitar o seu pai, que o admirava muito, pois gostava muito de está com animais, até porque era o que cabia a ele. O seu mundo era limitado aos seres humanos chamados “sem instrução”, por isso mesmo não aspirava grandes sonhos. Pelo contrário, vivia preocupado, triste por ter que viver de mudança para outras terras em busca de melhor sobrevivência. Por outro lado, sua mãe sinha Vitória pensava numa vida diferente para o filho que era vê-lo na escola e não ignorante como o pai Fabiano.

O capítulo “O menino Mais Velho”, tem como um dos pontos em destaque o descontentamento do filho mais velho no tocante à falta de atenção e aridez de sua mãe sinha Vitória. Em um momento da trama, o menino indaga a genitora sobre o significado da palavra “inferno” a qual escutara de sinha Terta, mas a mãe não dava importância às interrogações do Menino Mais Velho e por isso ele ficava confuso por causa da falta de diálogo de sua genitora.

Nesta narrativa, podemos dizer que um conflito sobrevoa a mente do menino sobre o significado do vocábulo “inferno”. Na análise da obra observamos que o descontentamento dos personagens pela triste situação em que viviam, era expresso a partir de palavras amargas, negativas. Em outras palavras, a linguagem utilizada por eles, muitas vezes expressava as amarguras de uma vida marcada pelo sofrimento, desconforto, insegurança.

Deste modo, o menino mais velho escutou a citada palavra de sinha Terta uma costureira da família e que tinha aproximação à família de retirantes. Ela pronunciava uma vez por outra a palavra “inferno”. Deixando o menino curioso, ansioso e ao mesmo tempo triste por não saber o significado de uma palavra que achava tão bonita. Ele pediu informações a sinha Vitória a respeito do contexto da palavra inferno, mas a Mãe não quis dar a resposta correta, achando desnecessário conversar com crianças, assuntos de adulto. Atitude em evidência no modernismo brasileiro.

O menino mais velho sentiu-se triste com a injustiça da mãe em não explicar em detalhes o significado da palavra inferno. Ficou tão triste que foi pedir apoio à cachorra Baleia que sempre foi sua amiga fiel, tendo em vista que o irmão mais novo não lhe deu muita atenção porque outrora também fora humilhado por ele.

O menino mais velho não acreditava que um nome tão bonito como “inferno” pronunciado por sinha Terta, servisse para denominar coisa ruim, por isso gostaria de ter ouvido de sua mãe sinha Vitória um significado da palavra com mais clareza. E não se contentando com a resposta quando questionou o significado da palavra “inferno”, a mãe deu-lhe um cocorote por causa da saliência e curiosidade do filho.

O menino mais velho achava normal as pessoas grandes baterem nos filhos e se zangarem por quaisquer motivos associados à dureza de vida que condizia à realidade da época e da dureza de vida das pessoas. Outra personagem que também era penalizada pela vida seca dos seus donos, era a cachorra “Baleia. Parece que para externalizar a angústia pela precariedade da vida, os personagens se utilizavam da agressão física e a cachorra era um dos alvos escolhidos. Baleia detestava:

expressões violentas: estirou as pernas fechou os olhos e bocejou. Para ela os pontapés eram fatos desagradáveis e necessários. Só tinha um meio de evitá-los, a fuga. Às vezes apanhavam-na de surpresa, uma extremidade de alpercata batia-lhe no traseiro – saía latindo, ia esconder-se no mato, com desejo de morder canelas” (RAMOS, 2009, p.60).

Conforme já foi mencionado anteriormente, Freud (1996), em suas elaborações acerca da melancolia, ressalta que as queixas, as depreciações e até mesmo as agressões físicas e verbais são mecanismos inconscientes que os indivíduos lançam mão para externalizar a angústia que sentem, de forma que o sadismo passa a ser uma das características marcantes da melancolia.

A partir das elucidações freudianas podemos dizer que no melancólico a voz auto-depreciativa e crítica são a voz do superego, que demonstra uma severidade particular contra o ego. O superego age de maneira cruel, produzindo um intenso sentimento de culpa consciente. Esse sentimento de culpa tão comum nas pessoas melancólicas seria uma forma do superego punir de forma cruel o ego, culpando pelas investidas do id, buscando aterrorizá-lo, esvaziá-lo, reduzi-lo a nada.

2.3 - A Precariedade da Vida: Resignação e melancolia

No capítulo “Inverno”, presenciamos a estratificação social entre patrão e empregado, visto que era uma atitude comum na época por parte dos menos favorecidos suportar de forma resignada a humilhação dos patrões bem como disponibilizarem sua força de trabalho por míseras formas de pagamentos. Era uma espécie de escravidão a que viviam submetidos, mas como não existia alternativas, aceitavam qualquer tipo de exploração em nome da sobrevivência.

A trama narra o momento em que esta família de retirantes nordestinos se depara com uma casa em ruínas. Devido ao cansaço de andarem léguas a pé, foi motivo de alegria encontrar essa possível morada. Resolveram se abrigar naquela casa. Mas logo são abordados pelo proprietário que pede para que eles desocupem aquele local. Fabiano, então, pede ao dono da propriedade, para ali permanecer e disponibiliza sua força de trabalho como vaqueiro que era o que sabia fazer. Diante desta conversa com o patrão não recebeu o sim do fazendeiro imediatamente. Humilhou-os com palavras desagradáveis de que não aceitaria aquela família em sua propriedade, mas depois que Fabiano confessou que entendia muito bem do ofício de

vaqueiro, e por não ter revidado às humilhações do patrão, o proprietário deixou-os na nova morada.

Fabiano e família eram predestinados a serem obedientes, por isso permaneceram nesta fazenda por conta de sua resistência ao trabalho árduo do campo, e ao chegar nesta fazenda logo chega o inverno. Se o inverno minimizava os problemas trazidos pela seca, por outro lado provocava outros tipos de problemas. A família preocupava-se com a casa em ruínas. Era deteriorada, cheia de goteiras e a estrutura totalmente comprometida. Enfrentava outra etapa de vida que era um inverno intenso, com muita chuva, rios transbordando e que resultava nesse período de muita chuva, um frio desolador por morar numa casa com mínimas condições de habitação. Viviam muito tensos com medo das enchentes que assolava a caatinga e sinha Vitória receosa da enchente, pensava em viver no morro como preás, pois se sentiriam mais seguros e livres das enchentes indo para um lugar mais alto condizente com a morada dos animais.

Sabe-se que diante desta situação de lamúria com tanto inverno, houve momentos de extrema preocupação por parte destes retirantes vitimados de forma imperceptível, pela melancolia, caracterizado pela tensão, frio, medo de enchentes. A família de retirantes se aquecia em um fogaréu de aquecimento fraco e com medo de inundações em plena caatinga do sertão nordestino. Fabiano vivia triste, capiongo, a criar vinganças que dizia:

se a seca chegasse, ele abandonaria mulher e filhos, coseria a facadas o soldado amarelo, depois mataria o juiz, o promotor e o delegado. Estivera uns dias assim murcho, pensando na seca e roendo a humilhação. Mas a trovoada roncara, viera a cheia, e agora as goteiras pingavam, o vento entrava pelos buracos das paredes (RAMOS, 2009, p.67).

Outro capítulo analisado foi “Baleia”. Podemos destacar a afetividade da cachorra com a família de retirantes, pois era amiga fiel e leal de todas as horas. Um dia ela adoeceu e Fabiano usando de sua brutalidade, atirou nela com uma arma de fogo, provocando uma imensa dor em todos os personagens. Após sua morte, ela é sempre lembrada em outros capítulos com um sentimento de perda de um ente querido.

Conforme foi apresentado no primeiro capítulo, para Kristeva *apud* Santos “o estágio melancólico assinalaria que o sujeito não sabe perder. Assim qualquer perda acarretaria a perda do próprio Ser [...] a melancolia apoiar-se-ia, então, numa intolerância à perda da coisa e na falência da linguagem” (2000, p. 42). Deste modo, a melancolia está totalmente ligada à perda, podendo ela ser causadora do empobrecimento do próprio Ego. Neste caso, podemos supor que Fabiano, após ter provocado a morte da baleia, passa a sofrer pela perda. Além da dor da perda,

também parece sentir uma sensação de culpa, o superego agindo inconscientemente provocando no personagem, uma angústia por ter tirado a vida de um membro da família.

Baleia, há dias vinha apresentando sinais de fragilidade e uma doença que se alastrava pelo corpo da cachorra, Fabiano apelaram para amarrar no pescoço dela, um rosário de sabugos de milho queimados, mas nada resolveu e a cachorra continuava doente. Diante desta trágica situação cuja tendência era piorar, Fabiano resolveu dar um tiro de espingarda de pederneira. No entanto, apesar de ser sertanejo forte e calejado pelo sofrimento, o vaqueiro ficara ressentido por ter atirado na cachorra e carregou-a para que não sofresse tanta dor.

Sinha Vitória e os filhos ficaram tristes com tamanha grosseria de Fabiano em atirar na cachorra Baleia que era considerada pelos retirantes como um membro da família.

Em certo momento da narrativa o personagem Fabiano senta-se no banco do copiar, observara o céu limpo e de repente seu olhar é direcionado para a presença de algumas arrições. Certamente sinha Vitória não estava regulando da mente sobre adivinhar em como seria uma nova seca no sertão, esse pensamento já proporcionou uma tristeza imensa, as arrições passou a ser motivo de preocupação.

O vaqueiro volta a pensar na cachorra Baleia, e em sua atitude de tirar-lhes a vida. Desanimado por ter atirado na cachorra Baleia, também lembrou as humilhações que passara na cidade com o soldado amarelo, seu pensamento era de revolta com ele mesmo, por não ter se vingado do soldado amarelo. Outro pensamento preocupante surge na sua mente: como andariam as contas com o patrão? E indignava-se: “Fabiano encaiporado, fechou as mãos e deu murros na coxa. Diabo. Esforçava-se por esquecer uma infelicidade, e vinham outras infelicidades. Não queria lembrar-se do patrão nem do soldado amarelo” (RAMOS, 2009, p.112).

Também andara preocupado com os juros, pois tomara dinheiro emprestado ao patrão, bem como não esquecia o que passara na prisão, sendo um homem forte, embrutecido e não ter se vingado do soldado amarelo. A brutalidade, literalmente, desaguava na melancolia, pois Fabiano se voltara novamente contra as aves, queria aproveitar a carne, matando-as para levar para a próxima viagem, caso o inverno não chegasse. Enchia-se de lembrança da cadela confessando que a coitadinha fora magra, dura, devorada pelos urubus. Nisso Fabiano pensara na alma de Baleia que deveria passar por ali.

Chegou-se em casa, com medo. Ia escurecendo, e aquela hora ele sentia sempre uns vagos terrores. Ultimamente vivia esmorecido, mofino, porque as desgraças eram muitas. Precisava consultar sinhá Vitória, combinar a viagem,

livrar-se das arribações, explicar-se, convencer-se de que não praticara injustiça matando a cachorra. Necessário abandonar aqueles lugares amaldiçoados. Sinhá Vitória pensaria como ele (RAMOS, 2009, p.116).

Fabiano chegara acasa com sinais demelancolia, pois sentia vagos terrores, desesperanças pelo que observara no espaço, pensava na morte da cachorra, nessas arribações agourando ano seco. Decidiu que conversaria com sinha Vitória para combinar uma nova viagem, pois aquele ambiente não estava suportando mais e teria que rumar para outro horizonte. Na sua visão, seria necessário abandonar aqueles lugares em que não tinham boas lembranças como, por exemplo, a morte da cachorra Baleia. Sinha Vitória concordara com as ideias do marido em migrar para outras terras.

No capítulo“Fuga” vivencia-se a preocupação desta família de retirantes endividados com o patrão para migrar rumo a outra região desconhecida em busca de sonhos. Pareciam apresentar a mesma ansiedade da primeira viagem no início da obra, no capítulo Mudança. Fugia em busca de sonhos como a aquisição de uma cama de couro que sinha Vitória tanto almejava, mas também o sonho de uma boa escola para os filhos.

Podemos perceber a partir do exposto, que embora os retirantes tivessem uma vida marcada pela dor e precariedade, ao decidirem fugir, temos aí uma demonstração de luta contra a melancolia. Se a melancolia, segundo Freud, desintegra o indivíduo, dilui sua identidade, produz uma falta de sentido da vida, podemos perceber na subjetividade dessa família, uma bravura, uma busca pela reintegração da identidade. Há movimentos de resistência contra a vida melancólica. Eles ainda se permitem sonhar com uma vida mais confortável, com a educação dos filhos. Essas ilusões alimentam a alma e servem como mola propulsora, dá-lhes força para continuarem em busca de algo melhor, embora não saibam como e nem em que lugar. Deste modo, podemos evidenciar, a dinâmica pronunciada por Freud (1996) entre Pulsão de vida e pulsão de morte. Onde há pulsão de vida, também se manifesta a pulsão de morte. Essa fusão entre as pulsões pode ser percebida na dinâmica da neurose da angústia. A pulsão de morte pode desencadear no indivíduo uma elevação da tensão ou excitação libidinal que será escoada pela pulsão de vida que levará o indivíduo, impulsionado pelo princípio da vida, a buscar estratégias ou mecanismos que aliviem os impactos da angústia.

Oscilando entre o medo e a força (pulsão de vida e pulsão de morte) para continuar em busca de uma vida digna, a trama apresenta o momento em que sinha Vitória rezara, tremera muito e desesperada rogando a Deus misericórdia. Fabiano observara os sinais naturais como às

folhas secas que em meio à estiagem, os garranchos se torciam, negros e esturricados, mas Fabiano apelava por um milagre.

Quando a fazenda ficou despovoada, Fabiano vendo que estava tudo perdido e que a fazenda não progredira, combinou a viagem com sinhá Vitória. Ele vendeu o bezerro morrinheiro, preparou a carne e evadiu-se com a família. Estava endividado. Ele sabia que era impossível liquidar a dívida com o patrão, só restaria sumir no mundo como um escravo fugido. A família de retirantes viajou em meio à escuridão de um caminho pedregoso que parecia sem fim, a conduzir os cacarecos, os meninos sofrendo ao percorrerem a terra seca. Sinhá Vitória lembrou-se tristemente da cachorra Baleia e chorou sem que o marido e seus filhos percebessem sua tristeza no trajeto desta mísera viagem sem destino certo.

Freud (1996) destaca a diferença entre o luto e a melancolia. Na melancolia chora-se pelo esvaziamento do ego, a perda de um objeto interno. Já no luto, sofre-se pela perda de um objeto externo. Podemos dizer então, a partir de Freud, que a personagem sinhá Vitória, nessa caminhada pelas terras secas e cinzentas, é atravessada pela melancolia e pelo luto. Melancolia oriunda da vida reduzida ao mínimo e luto pelas mortes da cachorra e tantas outras mortes simbólicas de sua vida, inclusive a perda da dignidade, a perda de sua humanidade.

Uma das características da vivência do luto é a recordação. O indivíduo enlutado, ao reviver o passado, tenta eternizar os momentos em seu íntimo, como se ressuscitasse dentro de si, algo que já não se tem fisicamente. Recordar os momentos parece uma forma de ressignificar a perda. O objeto perdido, de repente é reencontrado de outra forma, dentro do indivíduo (Freud, 1996).

Podemos pensar no valor da recordação para os melancólicos a partir de Santos quando nos diz que:

A recordação é a única maneira de barrar o caminho à repetição do Mesmo: para esquecer (redimindo) é preciso lembrar; o esquecimento sem a recordação é o recalque do passado”. A própria Clarice já declarara Ólga Borelli o seu fascínio pela lembrança: “É fascinante lembrar-se. De repente o passado é uma coisa que ainda vai acontecer só que já se prevê tudo o que vai acontecer. [...] Eu só sei viver as coisas quando já vivi. Não sei viver, só sei lembrar-me. (SANTOS, 2000, p.139).

Com base nessa informação, observa-se o momento em que depois de muitos dias de viagem pelo sertão parando sempre para descansar debaixo de juazeiros, bem como para alimentar-se de algo que levavam na bagagem com os meninos famintos, chegou um momento em que Fabiano lembrou-se da cachorra Baleia, quando um dos filhos mastigara um osso.

Sinha Vitória pensara uma vida melhor para os seus filhos. Ela não almejaria um futuro para os filhos como o de Fabiano.

Pouco a pouco uma vida nova, ainda confusa, se foi esboçando. Acomodar-se-iam num sítio pequeno, o que parecia difícil a Fabiano, criado solto no mato. Cultivariam um pedaço de terra. Mudar-se-iam depois para uma cidade, e os meninos frequentarem escolas, seriam diferentes deles. Sinhá Vitória esquentava-se. Fabiano ria, tinha desejo de esfregar as mãos agarradas à boca do saco e a coronha da espingarda de pederneira (RAMOS, 2009, p.127).

A personagem Mãe sonhava rumando para o sul, tinha desejo de chegar numa cidade grande, repleta de pessoas destemidas. Chegariam a um lugar diferente ao passo que o sertão mandaria gente para lá em busca de sonhos difíceis de serem concretizados, tendo como solução a melancolia e a impossibilidade de vencer na vida.

Fabiano estava contente e acreditava nessa terra, porque não sabia como ela era nem onde era. Repetia docilmente as palavras de sinhá Vitória, porque sinhá Vitória murmurava e tinha confiança nele. E andavam para o sul, metidos naquele sonho. Uma cidade grande, cheia de pessoas fortes. Os meninos em escolas, aprendendo coisas difíceis. Eles, dois velhinhos, acabando-se como Baleia (RAMOS, 2009, p.127-128).

A aridez em *Vidas Secas* (2009), de acordo com a linha de pensamento de Graciliano Ramos, era composta de uma falta de sensibilidade incontrolável, pois a segunda fase do modernismo brasileiro foi marcada por muitos movimentos de perturbação sobre a secura dos homens que detinham o poder e de apropriar-se desse poder para alienar os pobres (menos favorecidos), que em seguida viria aflorar a melancolia em consonância com a falta de perspectivas na vida daquelas pessoas exploradas que percorriam, especificamente, o sertão nordestino.

Em artigo escrito por Carlos Alberto dos Santos Abel (1996) sobre a aridez em *Vidas Secas*, podemos observar que Fabiano e sinhá Vitória são utilitaristas e pragmáticos nas relações de marido e mulher; nas relações com os filhos e nas relações com a natureza. Eles vivem para sobreviver. Personagens animalizados – a vida, a morte e a alienação os fizeram desta maneira. Se a fome não mata, machuca demais.

Fabiano, sinhá Vitória e os dois meninos são alugados. Os alugados põem sua existência na construção dos latifúndios, na construção da riqueza dos outros. O trabalho contínuo e quanto mais trabalha, menos têm: “o trabalhador desce ao nível de mercadoria; que a miséria do trabalhador aumenta com o poder e o volume da sua produção”. (MARX, 1993, p.157)“A

valorização do mundo das coisas aumentam proporção direta à desvalorização do mundo dos homens” (MARX,1993 p.159).

Os trabalhadores, os alugados, os Fabianos, não se sentem como sujeitos de seus próprios destinos, como pessoas que pensam que sentem que amam. Elas não se realizam como seres humanos. São apenas engrenagens da máquina latifundiária, por “consequente, o trabalhador só se sente em si fora do trabalho, enquanto no trabalho se sente fora de si” (MARX,1993, p.162).

Na esteira do que afirma Marx sobre o proletariado e sobre o campesinato, podemos dizer que Fabiano (é o brasileiro proletário ou campesino) só se sente livremente ativo “nas suas funções animais – comer, beber e procriar, quando muito, na habitação; no adorno, etc., - enquanto nas funções humanas se vê reduzido a animal. Sob essas condições, o elemento animal torna-se humano e o humano animal” (MARX,1993, p.162).

Por fim, vale ressaltar que a aridez na obra *Vidas Secas* é fruto de estilos de vida ligados a regimes antigos e aristocráticos de moldar o ser humano, para o próprio interesse da classe dominante, gerando insatisfação ou mesmo obediência pelas pessoas menos favorecidas, o que as torna melancólicas e desesperançadas, sem conseguir vislumbrar transformação em suas secas vidas no sertão nordestino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O período da segunda fase modernista do século XX retratada por Graciliano Ramos no livro *Vidas Secas*, como já vimos, mostra a sociedade modernista como uma época de desconforto por parte dos retirantes nordestinos, em meio à estiagem nos anos 30 deste século. Por outro lado, havia também a prepotência das oligarquias camponesas em especial os donos de terras que manipulavam e humilhavam o povo sofrido do sertão nordestino. Parece que era lhes roubado o direito de sonhar ou mesmo conseguir o que eles mais aspiravam na vida: trabalhar arduamente, mas terem uma vida digna de um ser humano.

Nesta obra, Graciliano Ramos narra os capítulos em consonância com os costumes da 2ª fase modernista. Como vimos anteriormente, o retirante nordestino sofria imposições sociais que serviram de matéria para a crítica literária graciliana, bem como a antítese do homem rural para com o homem urbano, visto que havia um distanciamento imenso entre campo e cidade. Vimos que a obra apresenta uma narrativa de ficção em 3ª pessoa, com base na realidade da época modernista dos anos 30 do século XX, que tinha como perfis detentores do poder, velhos costumes de vida à moda século XIX.

Nesse trabalho acompanhamos a aventura ou desventura dos retirantes Fabiano e família, que se enveredavam caminhando pelas estradas de terra seca do sertão nordestino sempre a buscar sonhos. Sonhos que aos poucos se diluíam na poeira seca da estrada. As alamedas que atravessavam eram embotadas pelo desespero, a desesperança, a profunda indignação. Em alguns momentos de desespero eles se sentiam indignos de pensar, sonhar, até de viver, pareciam terem perdido o sentido da vida.

A análise deste trabalho teve como foco principal o estudo da melancolia nos personagens. Observamos que eles vivem atormentados pela falta de abrigo, comida, trabalho digno e afeto. Sentem uma falta que os mobilizam a percorrerem caminhos árduos, áridos sob um sol escaldante e uma queimação na alma. Embora fragilizados pela fome, sede, sol e perdas severas, a família parece resistir e continuam a caminhada alimentada por sonhos utópicos que talvez saibam antecipadamente, que nunca serão realizados. Mas, o próprio Freud (1996) fala-nos que há dentro de nós uma pulsão de vida que se contrapõe a pulsão de morte. Em outras palavras, há no interior do ser humano uma força, uma energia que o impulsiona a agir, a lutar pela sobrevivência, a buscar novas possibilidades de vida. Essa força parece existir nos personagens de vidas secas. Embora marcados pela pulsão de morte, atravessados pela melancolia, há algo dentro deles que os fazem caminhar, buscar, resistir e não desistir.

Neste aspecto podemos confirmar a hipótese de que as condições sociais e econômicas a qual viviam submetidos estão associados aos traços de melancolia que eles apresentavam no decorrer da narrativa. Percebemos que os personagens são seres francos, diretos, primários, solitários, sobrevivem, - não vivem! -, na brutalidade do sertão, dominado pelas forças da natureza, dominados, porque os políticos, a burguesia e os proprietários de terra o querem assim.

Terra da morte violenta, da destruição, da seca, da ignomínia social, das perversidades deste nosso mundo, dominado pelas forças do mal, pelos chamados “homens de bem”, pelo latifúndio mais destrutivo e mais doentio, aliado à burguesia das mais atrasadas e selvagens do universo, em total mancomunação com o Executivo, o Judiciário e o Legislativo – suas criaturas – porque eles são eles mesmos, representam a si mesmos

O romance Graciliano também tem como tônica a revelação da desigualdade social, ao abordar o poder das oligarquias camponesas com o intuito de engrandecer-se, através da miséria dos menos favorecidos. Tudo isso aconteceu numa época de muitos episódios bem como preocupações de vida, aridez, especificamente nos anos 30 do século XX dando total ênfase à análise crítica e melancólica dessa época modernista.

Gostaríamos de destacar também um aspecto da obra referente ao próprio autor. Segundo algumas análises, a produção de Graciliano é reflexo de sua própria vida. Sua atuação em meio à época foi de muitos altos e baixos, devido sua linha de pensamento ser voltada a denúncia da injustiça social, a opressão, a vida sofrida e, sobretudo o compromisso com a verdade. Uma vez que o Brasil vivia uma situação de extrema miséria, ladeada de oligarquias que tinham como didática: oprimir o desfavorecido para favorecimento próprio. Por assumir essa postura e suas ideias socialistas, Graciliano Ramos era repudiado pela classedominante. Diante de tanto descaso, o romancista apresentava traços melancólicos e dedicou-se à literatura que foi seu único meio para encontrar satisfação na vida e livrar-se da depressão nesse período de transição e cheio de perturbações e episódios que marcaram a primeira metade do século XX.

Ao término deste trabalho gostaríamos de expressar nossa satisfação ao conseguirmos realizar o objetivo que nos propomos: analisar a melancolia aos personagens da obra *Vidas Secas*. Ao lermos a obra *Vidas Secas*, automaticamente, somos tomados pelo sofrimento, a emoção e uma inquietação solidária com a melancolia, a angústia o desespero dos personagens retirantes da seca. A obra toca-nos profundamente, produzindo sentimentos diversos: tristeza, compaixão e revolta pelo drama que eles vivenciam.

Graciliano Ramos autor deste importante romance foi e será sempre um marco em nossa vida acadêmica. Suas convicções inerentes à postura de vida séria, honrosa e defensora da justiça social muito me fascinam e me incentivam a buscarmos mais dedicação aos estudos de sua produção literária. Fazendo uma ponte dessa obra com o momento atual do País, podemos dizer que comungamos com outras secas vidas, em um Brasil que atravessa momentos turbulentos e melancólicos. Contexto socioeconômico caótico que assola principalmente os indefesos, vitimados pela opressão social, ainda existente no século XXI, cuja realidade de opressão, injustiça social, não difere muito do século XX.

Acreditamos que Graciliano, assim como outros escritores do regionalismo, conseguiram mostrar à sociedade brasileira as condições animais dos desfavorecidos daquela época. Atormentados pelo medo, a opressão, a fome e a tristeza. Mas, embora marcados pelo sofrimento, conseguiam vislumbrar um fio de esperança. Fio de esperança que os faziam resistir a morte e continuarem caminhando arduamente em busca de dias melhores e condições mais dignas para os sobreviventes da seca nordestina.

REFERÊNCIAS

ABEL, Carlos Alberto dos Santos. Graciliano Ramos, Karl Marx, Sigmund Freud e Ernest Hemingway. **Revista Cerrados** n° 5, Brasília –DF, 1996.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira** – 43 ed. – São Paulo: Cultrix, 2006.

BRAGA, Rubem. Vidas Secas. In: **Diário de Notícias**, 14/08/1938, 1º suplemento, p. 3.

CAMARGO, Luís Gonçales Bueno de. **Uma história do romance brasileiro de 30**. Campinas, SP: 2001.

CÂNDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 10ª edição, 2008.

CÂNDIDO, Antonio. **Ficção e Confissão: ensaios sobre Graciliano Ramos**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006, p. 45-46.

CÂNDIDO, Antonio, ROSENFELD, Prado e Gomes. **A Personagem de Ficção**, 2ª ed., Editora Perspectiva, São Paulo, 1964.

FREUD, Sigmund. Luto e Melancolia. In: **Jornal de Psicanálise**. Ano 18, 1985.

FREUD, Sigmund. **Obras psicológicas completas**. In: Luto e Melancolia. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p.245-265.

GARCIA-ROSA, Luis Alfredo. **Freud e o Inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

KRISTEVA, Júlia. **Sol Negro e Depressão**. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

MARX, Karl. **Manuscritos econômicos – filosóficos**. Lisboa, ed. 70, 1993.

MELO, Ana Amélia M. C. **A Crítica social e a escrita em Vidas Secas**. Estud soc. Agric; Rio de Janeiro, vol. 13, n° 2, 2005.

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas; posfácio de Hermenegildo Bastos**. Rio de Janeiro: Record, 2009.

SANTOS, Jeana Laura da Cunha. **A estética da melancolia em Clarice Lispector**. Florianópolis: ed. da UFSC, 2000.

SCHITTINE, Denise. **IV Congresso Internacional Cuestiones Críticas**. Luta e melancolia na obra de Graciliano Ramos, 2015.